



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

MARA JOSELI SOBRAL SANTOS

**O FOCO NARRATIVO:
EXPLORANDO AS TIPOLOGIAS EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”**

ITABAIANA - SE

2025

MARA JOSELI SOBRAL SANTOS

**O FOCO NARRATIVO:
EXPLORANDO AS TIPOLOGIAS EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito final à obtenção do título de graduada em Letras Portugêses.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Santos Silva

SERGIPE - SE

2025

MARA JOSELI SOBRAL SANTOS

**O FOCO NARRATIVO:
EXPLORANDO AS TIPOLOGIAS EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”**

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em: 10 de Abril de 2025

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Iasmim Santos Ferreira
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

O trabalho analisa o foco narrativo no conto "Os laços de Família" de Clarice Lispector, demonstrando como o narrador contribui para a construção dos personagens e do enredo. O estudo adota uma abordagem bibliográfica, utilizando as discussões de Ligia Chiappini sobre tipos de narradores. A análise textual do conto identifica passagens que exemplificam o uso do narrador, permitindo uma investigação sobre as técnicas narrativas empregadas pela autora. Os resultados indicam que foi utilizado o narrador onisciente neutro e da onisciência seletiva múltipla. Conclui-se que Lispector utiliza o foco narrativo para construir a trama e conduzir reflexões sobre a experiência humana, expressando a complexidade das relações pessoais. O uso do estilo indireto livre também permite um fluxo contínuo entre o narrador e a perspectiva dos personagens, proporcionando uma narrativa rica em questões emocionais e introspectivas.

Palavras-chave: foco narrativo; Clarice Lispector; Laços de Família.

ABSTRACT

The work analyzes the narrative focus in the short story "Os laços de Família" by Clarice Lispector, demonstrating how the narrator contributes to the construction of characters and plot. The study adopts a bibliographic approach, using Ligia Chiappini's discussions on types of narrators. The textual analysis of the story identifies passages that exemplify the use of the narrator, allowing an investigation into the narrative techniques employed by the author. The results indicate the use of a neutral omniscient narrator and multiple selective omniscience. It concludes that Lispector uses narrative focus to build the plot and guide reflections on human experience, expressing the complexity of personal relationships. The use of free indirect style also allows for a continuous flow between the narrator and the characters' perspectives, providing a narrative rich in emotional and introspective issues.

Keywords: narrative focus; Clarice Lispector; Laços de Família.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OS TIPOS DE NARRADORES À LUZ DE LIGIA CHIAPPINI	9
3. OS LAÇOS DE FAMÍLIA E O FOCO NARRATIVO	13
3.1 ENREDO DO CONTO	13
3.2 O FOCO NARRATIVO	14
3.3 O FOCO NARRATIVO EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, uma das autoras mais renomadas da literatura brasileira do século XX, com suas clássicas contribuições, continua a instigar leitores, críticos e estudantes com sua prosa intensa e introspectiva. Nascida em 1920, na Ucrânia, Lispector emigrou com sua família para o Brasil ainda na infância. Essa experiência de deslocamento pode ser vista como uma metáfora para a constante busca de identidade e significado presente em suas obras. Formada em Direito, rapidamente se destacou no cenário literário com seu romance de estreia, "Perto do Coração Selvagem", publicado em 1943. Desde então, sua obra se notabilizou por desvendar a complexidade da experiência humana através de narrativas que mergulham na introspecção de seus personagens.

Um aspecto importante das narrativas de Clarice Lispector é seu uso do foco narrativo. Essa técnica é particularmente evidente em "Laços de Família", um conto que captura o cotidiano e a intrincada rede de emoções que entrelaça seus personagens. Assim, Lispector esculpe um espaço onde os leitores são convidados a percorrer as camadas psicológicas de seus personagens sem a interferência de julgamentos morais ou críticos por parte do narrador. E, ao empregar um narrador onisciente neutro, ela apresenta um vislumbre autêntico e nu das relações familiares, proporcionando ao leitor observar a complexidade emocional de maneira pura e descomplicada.

A biografia de Clarice, tanto pessoal quanto literária, contribui significativamente para o entendimento de suas escolhas estilísticas. Em estudos como *Clarice, uma vida que se conta*, de Nádia Battella Gotlib (2013), e *Clarice, uma Biografia* de Benjamin Moser (2017), a interseção entre vida e obra é examinada, trazendo como suas experiências pessoais se refletem em suas narrativas. Gotlib enriquece com a interligação entre a vida de Clarice e sua produção literária, sem permitir que uma domine a outra. Moser, por sua vez, acrescenta as influências das raízes judaicas de Clarice, oferecendo uma nova camada de interpretação ao contexto no qual suas obras foram criadas.

No conto "Laços de Família", Lispector explora, com agudeza e sensibilidade, temas universais como a maternidade, o envelhecimento e a complexidade das relações humanas. O título, por si só, já sugere um exame das conexões entre os

personagens, mostrando como essas ligações podem ser simultaneamente fontes de conforto e tensão. O foco narrativo, nesse caso, tem o papel de interferir em como essas relações são apresentadas, influenciando diretamente a experiência do leitor ao conduzi-lo por uma jornada emocional e talvez, desconfortável.

Sua prosa não oferece respostas fáceis, mas uma janela para a complexidade da condição humana. O uso do narrador onisciente neutro em "Laços de Família" exemplifica a capacidade de Lispector de manipular o foco narrativo para elevar a compreensão emocional e psicológica de seus personagens, permitindo uma exploração mais rica dos "laços" que constituem a vida familiar.

Por meio desse trabalho, espera-se que o leitor possa apreciar a sofisticação e a profundidade da técnica narrativa empregada por Lispector, reconhecendo a influência duradoura que sua escrita exerce sobre a literatura. Com isso, o objetivo será precisamente essa habilidade de Clarice Lispector em entrelaçar vida e ficção através do uso magistral do foco narrativo.

O objetivo principal é analisar a presença dos tipos de narradores no conto "Laços de Família" de Lispector, com base na abordagem teórica de Ligia Chiappini. Especificamente, busca-se identificar como o foco narrativo utilizado por Lispector contribui para a construção da complexidade emocional dos personagens e das relações familiares. Além disso, pretende-se compreender a influência do narrador na percepção do leitor sobre a dinâmica interna das personagens.

No conto de Clarice Lispector, a história se concentra na despedida da mãe de Catarina após uma visita à casa da filha. Catarina observa com ironia as interações educadas, mas tensas, entre sua mãe e seu marido Antônio. O filho do casal, nervoso e magro, também participa da dinâmica familiar, sendo alvo de um afeto exagerado por parte da avó, o que o incomoda. A narrativa revela os conflitos internos, as tensões emocionais e o sufocamento da individualidade provocados pelos laços familiares. No final, a partida da mãe gera uma mistura de alívio e vazio, levando Catarina a refletir sobre as complexidades das relações humanas e o peso das convenções sociais. É uma exploração profunda e inquietante das emoções humanas.

A escolha de "Laços de Família" como objeto de estudo fundamenta-se na relevância da autora na literatura brasileira e na maneira única como ela explora a psicologia dos personagens e as nuances das relações humanas. Sua habilidade em utilizar diferentes tipos de narradores traz uma rica oportunidade para analisar os

efeitos do foco narrativo na literatura. Explorando as contribuições teóricas de Ligia Chiappini (2002), este estudo busca aprofundar a compreensão sobre como as técnicas narrativas podem impactar a experiência do leitor e enriquecer a análise literária das obras de Lispector.

A pesquisa adotou uma abordagem de estudo bibliográfico sobre foco narrativo e sua tipologia, com especial atenção ao trabalho de Ligia Chiappini (2022). A análise textual do conto "Laços de Família" foi realizada detalhadamente, identificando passagens que exemplificam o uso do narrador. A interpretação dos dados foi auxiliada por conceitos presentes no trabalho de Chiappini, o que permitiu uma investigação crítica e fundamentada sobre as técnicas narrativas empregadas no conto.

2 OS TIPOS DE NARRADORES À LUZ DE LIGIA CHIAPPINI

Neste capítulo, serão explorados os conceitos apresentados por Ligia Chiappini (2002) em seu livro sobre as diferentes formas de narradores, aplicando-os ao conto "Laços de Família" de Clarice Lispector. Chiappini (2002) detalha como o narrador pode interferir na narrativa de diversas maneiras, mudando a percepção do leitor sobre a história. Lispector utiliza essas técnicas para contar sobre os laços familiares, colocando como foco suas nuances emocionais de modo profundo e sensível, o que traz para o leitor uma rica leitura sobre as experiências humanas cotidianas.

O Narrador Onisciente Intruso tem a liberdade de intervir diretamente no texto, oferecendo comentários, juízos e digressões que, além de narrar a história, analisa-a e contextualiza-a. É um tipo de narrador que possui um ponto de vista de extrema relevância e influencia como interpretamos a história devido a possibilidade de adotar diversas posições em relação aos acontecimentos: do centro, da periferia ou de uma posição móvel. Assim, a presença dele, cria uma textura rica por inserir opiniões e reflexões que podem trazer à narrativa uma camada de ironia ou crítica social, como é comum em textos de Autores como Campo Castelo Branco e Machado de Assis, que por exemplo, utilizam-se deste estilo para empregar uma análise crítica e irônica dos eventos e personagens. O feito de interferir diretamente, seja através de tomadas de posição ou endereçamento direto ao leitor, é uma propriedade marcante deste narrador. Em obras como *Quincas Borba* de Machado de Assis, essa técnica envolve o leitor, gerando expectativas que são frequentemente subvertidas, o que caracteristicamente leva ao desvelamento de significados mais profundos da narrativa.

Na obra "Quincas Borba", de Machado de Assis, a narração é caracterizada por um narrador onisciente intruso que frequentemente intervém na narrativa com comentários irônicos e críticos, o que subverte as expectativas do leitor e adiciona camadas de complexidade ao enredo. Já em "Laços de Família", de Clarice Lispector, o uso do narrador onisciente neutro cria uma experiência mais introspectiva e emocional, sem julgamentos explícitos, possibilitando que o leitor tenha contato com os pensamentos e emoções das personagens (Chiappini, 2002).

Já o Narrador Onisciente Neutro, ao contrário do Onisciente Intruso, esse permanece distante, sem oferecer comentários diretos sobre os acontecimentos ou

os personagens. Ele apresenta um relato mais factual e detalhado sobre os acontecimentos e cenas, mantendo uma aparente neutralidade. É um estilo que permite ao leitor interpretar a narrativa sem a interferência direta de opiniões do narrador, criando uma experiência diferente da narrativa intrusa. Frequentemente, esse tipo de narrador utiliza cenas para retratar a ação, mesmo que ainda lhe seja comum resumir eventos para manter o ritmo da narrativa. Exemplos de sua aplicação podem ser encontrados em narrativas policiais como *O falcão maltês*, onde o narrador descreve os eventos com uma precisão meticulosa sem julgar as ações dos personagens.

Quando se utiliza do Narrador-Testemunha, a narrativa é feita a partir da perspectiva de um personagem que é uma testemunha dos eventos, mas não necessariamente o protagonista, podendo ser um participante secundário que compartilha com o leitor suas percepções e interpretações dos eventos em curso. Este narrador tem acesso limitado ao interior de outros personagens e oferece um ângulo de visão parcial e subjetivo, registrando apenas o que ele ou ela pode ver ou inferir, ou seja, não é o que ocorre no conto analisado. Um exemplo clássico é o personagem Dr. Watson nas histórias de Sherlock Holmes, de Conan Doyle, onde ele narra os feitos do detetive a partir de sua perspectiva, sem realmente conhecer todos os detalhes dos raciocínios de Holmes:

Mais propriamente tem-se "eu como testemunha" em alguns textos de suspense, como no caso dos romances de Conan Doyle, onde quem narra é o auxiliar de Sherlock Holmes, sempre procurando, junto com o leitor, deduzir os passos do raciocínio do inteligente detetive (Chiappini, 2002, p. 39).

O Narrador-Protagonista é presente quando o personagem principal narra a história a partir de sua perspectiva. Assim, toda a história é vista através das percepções e experiências dessa personagem, o que naturalmente limita o ponto de vista e o conhecimento disponível ao leitor ao que o narrador experimenta diretamente. É um elemento que inclui uma visão intensamente pessoal dos eventos além de também submergir o leitor no mundo psicológico do narrador. Como exemplo, em *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, o narrador Riobaldo compartilha suas aventuras e reflexões, trazendo ao leitor um olhar interior sobre suas dúvidas, medos e vivências. Esta técnica muitas vezes mantém o suspense e drama na

narrativa, pois qualquer descoberta só é revelada na medida em que o próprio narrador a compreende.

Com a Onisciência Seletiva foca-se, geralmente, em uma única personagem. A narrativa explora e se dedica a revelar profundamente a consciência dessa personagem através do monólogo interior ou fluxo de consciência. Clarice Lispector, com sua habilidade de capturar as sutilezas do pensamento humano, demonstra essa técnica em *Perto do Coração Selvagem*, que permite ao leitor um acesso quase direto e palpável ao mundo interior dos personagens.

Já na Onisciência Seletiva Múltipla, diferente da onisciência neutra, a narrativa se desdobra através das perspectivas de várias personagens, mas sem a presença de um narrador que as unifique explicitamente. Isso permite que o leitor compreenda a história através de múltiplas lentes, dando uma sensação de profundidade à descrição dos eventos e complexidade aos personagens, que são mostrados por meio de suas próprias percepções e pensamentos. *Vidas Secas* de Graciliano Ramos exemplifica esta técnica ao apresentar diferentes capítulos centrados em diferentes personagens, inclusive a cachorra Baleia, cada qual com suas riquezas de pensamentos e sentimentos.

Quando Chiappini (2002) explica sobre o Modo Dramático, é dito por ela que é similar a um roteiro de teatro. Todo o desenvolvimento da narrativa é apresentado através de diálogos e de uma descrição de ações mínimas. Não há imersão nos pensamentos ou sentimentos das personagens. O leitor ou espectador deve inferir o significado e motivação por trás das palavras ditas e ações feitas, sem as guias explícitas do narrador. Esse modo é frequentemente encarado como restritivo pela necessidade de comunicar sutilezas emocionais e psicológicas exclusivamente por meio de ações visíveis e diálogos. Ernest Hemingway e Luiz Vilela, por exemplo, são conhecidos por utilizar esse estilo para criar narrativas muito diretas e focadas nos diálogos.

No tipo de narrativa “Câmera”, a história é apresentada de forma extremamente objetiva, como se fosse capturada por uma câmera. A descrição é tão impessoal quanto possível, lembrando o estilo de um documentário ou relato jornalístico. O leitor não recebe informações sobre os pensamentos ou sentimentos das personagens, mas uma série de descrições exatas e detalhadas dos eventos e do cenário. Christopher Isherwood, com sua declaração de "eu sou uma câmera",

abraça este método em *Goodbye to Berlin*, onde ele busca eliminar qualquer traço de subjetividade ou interpretação pessoal.

Por fim, o Estilo Indireto Livre é frequentemente usado na literatura para que os leitores consigam entrar na mente de personagens, misturando os pensamentos e reflexões dos personagens com a narração em terceira pessoa. Ele permite um fluxo contínuo entre o narrador e a perspectiva individual dos personagens sem a necessidade de introduzir marcadores explícitos de pensamento. Isso pode ser muito relevante ao considerar como Clarice, em seu conto *Os laços de Família* constrói a complexidade de suas personagens, permitindo que o leitor entre e saia dos pensamentos das personagens de maneira quase imperceptível.

3. OS LAÇOS DE FAMÍLIA E O FOCO NARRATIVO

3.1 ENREDO DO CONTO

A obra em análise está contida no livro *Laços de Família*, uma coletânea de contos publicada em 1960. A obra é composta por treze contos que exploram temas como a solidão, a identidade, as relações familiares e a complexidade das emoções humanas.

A prosa de Lispector é conhecida por sua profundidade psicológica e estilo introspectivo, característica marcante nesses contos. Neste livro, ela investiga o cotidiano e os momentos de epifania de seus personagens, muitas vezes trazendo camadas de significado sob a superfície aparentemente trivial das situações.

Alguns contos notáveis do livro incluem "*Preciosidade*", "*Amor*", "*A Imitação da Rosa*" e "*Felicidade Clandestina*", cada um com um olhar diferente sobre as nuances dos sentimentos e as contradições inerentes às relações humanas.

Já o título "*Laços de Família*" reflete a temática central da coletânea: os vínculos afetivos que conectam os personagens e as tensões que deles surgem. Clarice utiliza uma linguagem poética e introspectiva para capturar a essência das experiências humanas, fazendo desta obra uma das mais marcantes da carreira dela.

O conto, com o mesmo nome do livro, representa bastante os vínculos afetivos que permeiam as histórias contadas. Ele se inicia com a mãe de Catarina, uma mulher já casada, indo embora da casa da filha depois de fazer uma visita de duas semanas. A narração começa focando na relação da mãe com o marido de Catarina, que parece não ser muito boa. Os três estão em um táxi, a caminho da estação de trem, e durante o percurso, a filha reflete sobre o relacionamento de sua mãe com seu marido, Antônio, e sobre a própria dinâmica familiar.

A despedida entre a mãe e o genro foi marcada por formalidades e uma troca de gentilezas artificiais, contrastando com a tensão que permeou as semanas de convivência. Catarina observa esses momentos com ironia e malícia, ciente das fragilidades e das máscaras que todos usam. No táxi, uma freada abrupta provoca um contato físico inesperado entre mãe e filha, fazendo Catarina perceber momentaneamente a conexão esquecida que tem com sua mãe.

Na estação, após as despedidas, Catarina reflete sobre o envelhecimento da mãe e sobre a relação ambivalente que tem. Ela reconhece que não ama sua mãe de

maneira convencional; há uma dor associada a esse laço, uma responsabilidade pesada e inarticulada que a incomoda.

Após deixar a mãe partir, Catarina retorna à sua vida, agora percebendo realidade doméstica de forma diferente do que via antes. Ela revisita o quarto do filho pequeno, olhando para sua própria maternidade sob uma nova luz. Aqui, a comunicação com o filho adquire uma qualidade simbólica, anunciando uma conexão que vai além das palavras.

O conto encerra-se com o retorno de Catarina ao apartamento, onde encontra seu marido, Antônio, mergulhado na leitura. A casa, que foi temporariamente transformada pela visita, começa a recuperar a normalidade. Antônio, aliviado por ter seu sábado de volta, ainda assim se ressentido da saída repentina de Catarina com o filho. Essa inquietação de Antônio mostra suas preocupações em relação ao que Catarina pode estar transmitindo ao menino em sua ausência, refletindo sobre como as mães influenciam os filhos de forma silenciosa e profunda.

Catarina, por sua vez, se sente mais livre e mais conectada às suas próprias emoções e à cidade que a cerca. Enquanto caminha com seu filho, a sensação de liberdade intensifica-se, e ela experimenta uma plenitude quase tangível. A relação com o filho começa a desenvolver-se em novas direções, e aquele simples momento de comunicação entre eles no quarto adquire uma profundidade emocional inesperada.

Entre as memórias do passado e as experiências do presente, Clarice Lispector desenha um retrato sutil e vívido das complexas teias de emoção que formam os "laços de família". Estes laços, muitas vezes invisíveis, constroem as relações e influenciam a percepção de identidade de seus personagens. No final do conto, apesar das tensões e das dissonâncias que permeiam a vida familiar, Catarina parece encontrar uma aceitação tranquila de sua própria existência e do papel que desempenha dentro de sua família, enquanto a inquietação de Antônio sugere que para ele, a compreensão plena desses laços ainda está por vir.

3.2 O FOCO NARRATIVO

De acordo com as contribuições de Chiappini (2002) o conceito de foco narrativo é construído a partir de uma abordagem histórica e teórica, dissertando sobre

como o ponto de vista do narrador organiza a narrativa e influencia a percepção do leitor.

Henry James é mencionado como um dos pioneiros na formulação do foco narrativo, por meio de seus prefácios e reflexões sobre seus próprios romances. Ele defendia um ponto de vista único e a "desaparição" estratégica do narrador, equilibrando narrar (*telling*) e mostrar (*showing*) para criar uma impressão de que a história se conta sozinha:

O ideal, para James, e que passa a ser o ideal para muitos teóricos a partir dele, é a presença discreta de um narrador que, por meio do contar e do mostrar equilibrados, possa dar a impressão ao leitor de que a história se conta a si própria, de preferência, alojando-se na mente de uma personagem que faça o papel de REFLETOR de suas ideias (Chiappini, 2002, p. 13)

Outro ponto destacado é que o foco narrativo reflete as escolhas estilísticas do narrador, que pode ser discreto ou intrusivo, objetivo ou subjetivo. A busca pela verossimilhança, ou seja, pela coerência na apresentação dos eventos, é central na narrativa, sendo uma preocupação tanto de James quanto de Percy Lubbock.

Lubbock distingue entre narrar e mostrar e introduz as ideias de cena e sumário como formas de apresentação. De acordo com ele, a cena teria a função de mostrar os acontecimentos ao narrador, enquanto o sumário, "os conta e os resume; condensa-os, passando por cima dos detalhes e, às vezes, sumariando em poucas páginas um longo tempo da história (Chiappini, 2002, p. 14)". Ele também enfatiza o tratamento dramático, que aproxima o leitor dos acontecimentos, e a combinação deste com o pictórico, que reflete a narrativa a partir da mente de uma personagem.

A abordagem normativa de Lubbock foi criticada por outros teóricos e romancistas, como Wayne C. Booth, que introduziu o conceito do "autor implícito". Booth (apud. Chiappini, 2002) argumenta que o autor nunca desaparece completamente, mesmo quando mascarado pelo narrador ou pelas personagens, e que o foco narrativo está sempre ligado à visão de mundo do autor:

Booth é contra o mito do desaparecimento do autor ou da narrativa objetiva defendida por Lubbock, porque, segundo ele, o autor não desaparece mas se mascara constantemente, atrás de uma personagem ou de uma voz narrativa que o representa. A ele devemos a categoria do AUTOR IMPLÍCITO, extremamente útil para dar conta do eterno recuo do narrador e do jogo de máscaras que se trava entre os vários níveis da narração (Chiappini, 2002, p.12).

Já Jean Pouillon propõe três tipos de visão: com, por trás e de fora, e, por meio desses, escreve sobre diferentes níveis de acesso ao conhecimento e às intenções das personagens. São conceitos que estão ligados à maneira como a história é narrada e à perspectiva adotada.

Na “Visão Por Trás”, o narrador assume um papel onisciente. Ele sabe tudo sobre a vida das personagens, seus pensamentos, sentimentos, intenções e até mesmo o destino final. “Uma espécie de Deus, ou demiurgo que lhes tolhe a liberdade (Chiappini, 2002, p. 20)”. dentro do universo ficcional, controlando todos os aspectos da narrativa. Esse tipo de narrativa é comum em romances clássicos, sobretudo no século XIX.

Já na “Visão Com”, o narrador está limitado à perspectiva de uma personagem. Ele sabe apenas o que a personagem sabe, pensa ou sente no momento. Aqui, a narrativa se desenvolve a partir do ponto de vista da personagem, renunciando à visão onisciente. Esse modo de narrativa dá às personagens uma sensação de liberdade maior, uma vez que o narrador não controla todos os aspectos da narrativa, sendo comum no romance em primeira pessoa, como o fluxo de consciência ou o monólogo interior, onde o leitor vivencia o mundo pela percepção limitada da personagem.

Na “Visão de Fora”, o narrador se posiciona como um observador externo. Ele descreve apenas o que pode ser visto ou ouvido de fora, sem acessar os pensamentos ou emoções das personagens: “se renuncia até mesmo ao saber que a personagem tem, e o narrador limita-se a descrever os acontecimentos, falando do exterior (Chiappini, 2002, p. 20)”. Esse tipo de narrativa é extremamente objetivo e descritivo, deixando o leitor interpretar os acontecimentos e as intenções das personagens por conta própria, sendo mais comum em romances influenciados pelo cinema ou em textos do *Nouveau Roman*.

Em resumo, o foco narrativo é entendido como uma ferramenta que articula a relação entre o narrador, as personagens e o leitor. Ele organiza a narrativa e constrói a experiência literária por meio da escolha de perspectivas, técnicas e estilos que mostram tanto a estrutura do texto quanto os valores subjacentes.

3.3 O FOCO NARRATIVO EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”

A narrativa em "Laços de Família" é um exemplo de como Clarice Lispector

utiliza o foco narrativo para explorar a complexidade emocional de suas personagens. O uso de um narrador onisciente neutro é uma ponte para o acesso aos pensamentos e sentimentos dos personagens sem haver julgamentos explícitos. Com isso, considera-se como sendo uma técnica que proporciona ao leitor uma imersão no universo psicológico das personagens, trazendo as sutilezas das relações familiares.

Além disso, foi percebido que a onisciência seletiva múltipla está sendo utilizada para alternar o foco entre as diferentes perspectivas e visões sobre o que ocorre nas dinâmicas familiares, sobretudo de Catarina e, ocasionalmente, de seu marido. Esse movimento mostra as tensões internas e os laços emocionais que permeiam interações cotidianas, além de trazer em evidência a habilidade de Lispector em capturar a complexidade dos vínculos familiares. Assim, com delicadeza e precisão, a autora permite que o leitor entre nos pensamentos dos personagens, entregando uma visão íntima e introspectiva da psique deles.

É uma técnica narrativa que pode enriquecer a trama e dar características distintas a ela, além de conduzir reflexões sobre como os "laços de família" constroem e definem a experiência humana. Portanto, a habilidade de Lispector em combinar diferentes formas de foco narrativo transforma o conto em uma literatura rica em nuances emocionais, expressando as profundezas das relações pessoais.

Preliminarmente, o Estilo Indireto Livre é costumeiramente utilizado na literatura para proporcionar aos leitores um acesso à mente dos personagens, mesclando seus pensamentos e reflexões com a narração em terceira pessoa. Essa técnica cria um fluxo contínuo entre o narrador e a perspectiva individual dos personagens sem necessidade de marcadores explícitos. No conto "Laços de Família", Clarice Lispector traz essa abordagem para desenvolver a complexidade de suas personagens, permitindo que o leitor entre e saia de seus pensamentos de maneira sutil e integrada. no trecho a seguir é possível vislumbrar um pouco do que foi descrito, em que Catarina tem alguns pensamentos referente a situação que ocorre no momento:

"Perdoe alguma palavra mal dita", dissera a velha senhora, e Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos, a gaguejar — perturbado em ser o bom genro. "Se eu rio, eles pensam que estou louca", pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. (Lispector, 1998, p. 64)

O conto é contado em terceira pessoa, com um narrador que possui acesso à psique das personagens. Esse narrador não oferece julgamentos ou comentários intrusivos sobre o que ocorre, mantendo um tom mais neutro. Ele descreve eventos e pensamentos das personagens sem se intrometer com opiniões pessoais, como quando fala sobre os sentimentos e pensamentos de Catarina em relação à sua mãe e filho. Essa forma de escrita permite ao leitor perceber as complexidades emocionais e psicológicas das personagens sem um filtro externo de crítica ou moralidade, o que também estabelece uma conexão direta entre o leitor e a interioridade das personagens através de descrições minuciosas, tornando, desta forma, um conto que utiliza do Narrador Onisciente Neutro.

De acordo com o texto, o narrador onisciente neutro é aquele que adota uma postura objetiva ao narrar os acontecimentos, apresentando os fatos e as ações das personagens sem intervir diretamente com julgamentos, comentários ou opiniões. Ele observa tudo de maneira imparcial:

A segunda categoria de Friedman, o narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro, fala em 3.ª pessoa. Também tende ao SUMÁRIO embora aí seja bastante frequente o uso da CENA para os momentos de diálogo e ação, enquanto, frequentemente, a caracterização das personagens é feita pelo NARRADOR que as descreve e explica para o leitor. As outras características referentes às outras questões (ângulo, distância, canais) são as mesmas do AUTOR ONISCIENTE INTRUSO, do qual este se distingue apenas pela ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sobre o comportamento das personagens, embora a sua presença, interpondo-se entre o leitor e a HISTÓRIA, seja sempre muito clara (Chiappini, 2002, p 32)

O conto também possui momentos que podem ser associados à Onisciência Seletiva Múltipla, sobretudo no que tange ao foco nas experiências e pensamentos de Catarina e em alguns momentos, de seu marido: “A HISTÓRIA vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas (Chiappini, 2002, p. 47)”. Partes do conto são percorridas através das percepções e emoções da personagem, como os sentimentos contraditórios de Catarina sobre sua mãe e a realização do laço profundo, porém silencioso, que mantém com seu filho. Através da leitura, a narrativa permite conhecer um pouco das inseguranças, ansiedades e afeições não expressas diretamente, evidenciando a habilidade de Lispector em capturar nuances psicológicas por meio de uma narração indireta. Um dos exemplos da presença desse tipo de narração está no trecho a seguir:

A mãe tirou o espelho da bolsa e examinou-se no seu chapéu novo, comprado no mesmo chapeleiro da filha. Olhava-se compondo um ar excessivamente severo onde não faltava alguma admiração por si mesma. A filha observava divertida. Ninguém mais pode te amar senão eu, pensou a mulher rindo pelos olhos (Lispector, 1998, p. 65)

No trecho apresentado, é possível encontrar o narrador dando informações sobre os pensamentos de Catarina: “Ninguém mais pode te amar senão eu, pensou a mulher”. Outro exemplo está no trecho em que o narrador também cita pensamentos do marido de Catarina, evidenciando a presença da Onisciência Seletiva Múltipla:

Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado. Depois ninguém saberia de que negras raízes se alimenta a liberdade de um homem. "Catarina", pensou com cólera, "a criança é inocente!" Tinham porém desaparecido pela praia. O mistério partilhado (Lispector, 1998, p. 69).

Em diversas passagens, o conto desliza para uma forma de monólogo interior, mostrando pensamentos e reflexões iniciais das personagens, especialmente de Catarina. Esses momentos são marcados por pensamentos mais soltos e introspectivos, onde ela reflete sobre seu casamento, sua relação com a mãe, e seu papel como mãe. Por exemplo, seus pensamentos sobre o que esqueceu de dizer à mãe ou a percepção súbita de que ninguém mais poderia amar sua mãe senão ela. Essa técnica permite que o leitor acesse diretamente as emoções, embora não estejam em um formato de fluxo de consciência.

O fluxo de consciência é conceituado como uma técnica narrativa que busca representar o pensamento humano em sua forma mais livre e espontânea, como se estivesse ocorrendo de maneira ininterrupta. O foco é transmitir os pensamentos, sentimentos e sensações da personagem de forma intensa e imediata, sem as intervenções diretas de um narrador tradicional, oferecendo ao leitor acesso íntimo à mente da personagem. Esse último diz respeito ao contato com os pensamentos e sensações, sem filtros, podendo transmitir suas inseguranças, dúvidas e sentimentos contraditórios. Chiappini (2002) conceitua o fluxo de consciência:

O FLUXO DE CONSCIÊNCIA, na acepção de Bowling, é expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um "desenrolar ininterrupto dos pensamentos" das personagens ou do narrador (Chiappini, 2002, p. 68).

Embora, ele seja atribuído a Clarice Lispector, devido seu trabalho com a manifestação textual do pensamento, e utiliza de técnicas que se aproximam do fluxo de consciência, ela o faz de maneira mais estruturada, aproximando-se mais do monólogo interior, que “implica um aprofundamento maior nos processos mentais (Chiappini, 2002, p. 67-68)”, sendo ele mais organizado. No conto, há momentos introspectivos e contínuos que revelam os pensamentos e emoções das personagens, embora de forma mais ordenada do que o fluxo de consciência, como é possível observar nos trechos a seguir:

"Se eu rio, eles pensam que estou louca, pensara Catarina franzindo as sobrancelhas."

"Ah, sim, lá estava o menino, pensou com alívio súbito. Seu filho. Magro e nervoso." (Lispector, 1998, p. 64).

São trechos que mostram os pensamentos de Catarina de forma direta e introspectiva, mas que mantém uma estrutura clara e organizada, típica do monólogo interior, ao invés de um fluxo livre e desarticulado de consciência. Esses pensamentos estruturados permitem ao leitor entender os sentimentos subjacentes que permeiam a realidade da personagem.

Outra característica é que o conto é incisivamente adequado ao título "Laços de Família", pois explora como as relações e laços familiares podem ser simultaneamente confortantes e sufocantes. A dinâmica entre Catarina e sua mãe é cheia de amor silencioso e responsabilidade, enquanto sua relação com o filho é um terreno de descoberta mútua, mudando o conceito de maternidade para ela. A personagem, ao final, caminha com uma nova firmeza, reenergizada pela complexidade de suas relações familiares. Lispector habilmente utiliza essas técnicas narrativas para transportar o leitor para as experiências familiares cotidianas, mas profundas.

Além disso, considerando as contribuições de Jean Pouillon reiteradas no texto de Chiappini (2002), a visão que predomina no conto é a “Visão por Trás”. O narrador é onisciente e tem acesso aos pensamentos e sentimentos das personagens, particularmente os de Catarina, mas também de seu marido. Ele descreve tanto as ações quanto as reflexões internas das personagens, levando ao leitor uma compreensão da dinâmica emocional presente no conto: “O narrador domina todo um saber sobre a vida da personagem e sobre o seu destino. É onisciente, poderíamos

dizer. Sabe de onde parte e para 20 onde se dirige, na narração, o que pensam, fazem e dizem as personagens [...] (Chiappini, 2002, p.20)” Não é possível dizer que o que predomina no conto é a “Visão Com” uma vez que o narrador “limita-se ao saber da própria personagem sobre si mesma e sobre os acontecimentos (Chiappini, 2002, p. 20)” o que não é o caso do conto, visto que ele tem acesso aos pensamentos de outro personagem.

Em suma, "Laços de Família" emprega um narrador que se aproxima mais do onisciente neutro, com foco seletivo múltiplo, uma vez que, apesar do foco estar na Catarina, há momentos em que os pensamentos do marido são mostrados. Adicionalmente, a visão que predomina no conto é a "Visão por Trás", onde o narrador domina o saber sobre as personagens. Ele descreve tanto ações quanto reflexões internas, demonstrando compreensão da dinâmica emocional. Por fim, há momentos de monólogo interior para explorar os laços intrincados e delicados que definem as experiências familiares, capturando suas nuances emocionais com profundidade e sensibilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras realizadas, encontraram-se diversos tipos de narradores, que influenciam diretamente na experiência que o leitor tem com a história. Conforme Chiappini (2002) destaca, o narrador pode aproximar ou distanciar o leitor dos eventos narrados: um narrador que oferece comentários e reflexões pode criar uma sensação de proximidade e intimidade, enquanto um narrador mais objetivo e distante pode encorajar uma análise mais crítica do texto.

Clarice Lispector, em "Laços de Família", utiliza majoritariamente o narrador onisciente neutro, permitindo uma imersão nos pensamentos e emoções dos personagens. Esse tipo de narrador, no contexto do conto, auxilia na compreensão das complexas relações familiares sem interferências morais ou críticas, produzindo uma leitura que convida o leitor a interpretar a narrativa com base em seus próprios vieses e percepções.

Adicionalmente, foi percebido que é possível encontrar características também da onisciência seletiva múltipla. Isso ocorre quando Lispector alterna entre as perspectivas de Catarina e, ocasionalmente, de seu marido, justificando o motivo de não se encaixar apenas na Onisciência Seletiva. Desse modo, ao utilizar dessas técnicas, oferece-se uma visão panorâmica dos sentimentos e tensões internas dos personagens, o que permite uma exploração mais ampla das dinâmicas emocionais presentes nas interações cotidianas.

Outra tipologia destacada é o uso do estilo indireto livre, um elemento narrativo encontrado que facilita uma transição suave entre a narração em terceira pessoa e os pensamentos íntimos das personagens. Esse recurso acentua a introspecção sem interromper o fluxo narrativo, envolvendo o leitor em um contínuo de reflexões, questionamentos e descobertas internas das personagens. No conto, esse estilo é claramente visível em momentos de reflexão pessoal de Catarina, onde seus pensamentos surgem naturalmente dentro da narrativa.

Isso aponta para outro traço observado no conto: o monólogo interior. Diferentemente do fluxo de consciência, ele é mais organizado, aspecto que foi observado nos trechos em que os pensamentos da personagem aparecem. O fluxo de consciência foi descartado para este conto, uma vez que foi percebido que não há

pensamentos desordenados e desarticulados sobre seus estados mentais, mas sim, pensamentos mais ordenados sobre as situações que iam ocorrendo durante a trama.

São aspectos que evidenciam a escolha cuidadosa de foco narrativo por Lispector, sendo instrumental na criação de uma narrativa rica e introspectiva. O narrador onisciente neutro permite que a história se desenvolva de forma a abrir espaço para a introspecção dos leitores, enquanto a onisciência seletiva múltipla e o estilo indireto livre, juntamente com o monólogo interior, garantem a exploração das nuances emocionais e psicológicas das personagens.

Assim, as técnicas narrativas adotadas por Lispector demonstram a habilidade de manipular a percepção do leitor, guiando-o por meio de uma experiência literária que espelha a complexidade da condição humana. Ademais, a transição entre os pensamentos de Catarina e a narrativa objetiva proporciona uma visão detalhada de suas aflições e realizações, construindo um retrato da vida familiar.

Um ponto importante é como Lispector consegue transformar o cotidiano em uma peça literária de significativo impacto emocional. No conto, as escolhas narrativas aprofundam a compreensão do leitor sobre os "laços" que dão título ao conto, desvendando as camadas de amor, tensão e responsabilidade que constituem as relações familiares. A narrativa revela que as conexões humanas são tecidas em um quadro de complexidade e ambivalência, que Lispector captura com maestria.

Também, a análise realizada traz em evidência que o uso do narrador onisciente neutro, combinado com a onisciência seletiva, permite uma exploração mais íntima da interioridade dos personagens, sobretudo no que diz respeito às suas relações ambíguas e emoções conflitantes. Essa construção possibilita que o leitor vivencie, junto com as personagens, a transformação das impressões momentâneas sobre as pessoas, suas próprias identidades e papéis dentro da família.

Por fim, as contribuições teóricas de Ligia Chiappini enriquecem o entendimento das estratégias narrativas de Lispector. Sua análise dos tipos de narradores auxiliou de forma ímpar na identificação das opções estilísticas escolhidas pela autora, bem como nas implicações destas na percepção do leitor.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos. **Estudos avançados** 24 (70), 2010.

CHIAPPINI, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou a polêmica em torno da ilusão). 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. Clarice, uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

GOTLIB, Nádía. **Clarice: Uma Vida que se Conta**. São Paulo: Editora Edusp, 2013